

25-10-2023

TRILOGIA DO AMOR Carlos Zéfiro

Chiara Lages

[Bibliotecária]

Prosa de bar, vocês sabem, é um espaço fértil de novas teses, amores, bilhetes, risadas, lágrimas, gritos, sussurros, propostas... Pois foi no *Paladino* (reduto tradicional da imprensa alternativa na ditadura) que há uns dias me sugeriram essa proposta ‘decente’: *Escreva uma trilogia do amor na Coluna Opinião: O Beijoqueiro, Carlos Zéfiro e Vampeta*². Seguiu-se um kkk, um alegre papo cabeça e logo a proposta foi aceita pelos presentes... “O *Beijoqueiro*¹ seria (ou não) um assediador? O *vampetaço* revelado em ensaio fotográfico do jogador teve um papel social nas questões de gênero? Os quadrinhos de Carlos Zéfiro contribuíram (ou não) para a iniciação sexual dos adolescentes de sua época? Os *Catecismos* de Zéfiro continham afetividade?”



“Catecismos de Zéfiro”. Uma notícia de jornal cintilou em minha memória enquanto um conhecido arrepio (falei disso [aqui](#)) percorria minhas costas tomando-me de desejo... ..em revelar tesouros da Biblioteca Nacional (BN), [depositária legal](#) de publicações brasileiras. A [reportagem](#) - por ocasião da ordem do prefeito do Rio de Janeiro Marcelo

Crivella (2017-2020) de mandar recolher certa revista em quadrinhos com um beijo gay, lançada na Bienal de 2019 (RJ), alegando obscenidade. Obsceno, sabemos, é prevaricar com dinheiro público, se omitir e abusar do poder contra os cidadãos que deveria proteger. Entrevistei uma colega, bibliotecária graciosa e irreverente, que revelou que a Biblioteca Nacional ‘ocultava’ as publicações de literatura erótica, dificultando a catalogação e as colocando em locais onde não deveriam (nem caberiam) estar, como na seção de obras raras. Informalmente chamadas de “coleção do inferno”, agregam folhetos de quadrinhos (alguns do século XIX), como os *Catecismos* e títulos de autores diversos. Produzidos em papel de baixa qualidade, alguns estão em restauro. Há também publicações de periódicos como o “Rio Nu” (1º [jornal pornográfico carioca](#), 1898-1916) e folhetins de diversos autores (nacionais e estrangeiros), utilizando pseudônimos, com títulos explicitamente sugestivos (*Consolo de viúva*, *Um marido em apuros*, *Chifres para todos* e *Prazeres de colegiais*), outros menos (*A Pulga*, *A lingüça*), ingênuos (*A novella brejeira*), homoeróticos (*O menino do Gouveia*, *Lili e Lulú*) e outros ([veja](#)). O *Rio Nu* (4^{as} e sábados) trazia poemas, contos, crônicas, anedotas, charadas etc. de conteúdo satírico e até resultados de jogo do bicho. Deliciem-se com essa [edição](#) de 29/10/1898. A “coleção do inferno” é composta por publicações de variadas épocas, tipos, gêneros e autores, dentre estes Bernardo Guimarães (*A Escrava Isaura*, 1875), que escreveu o poema erótico “[O Elixir do Pajé](#)” (1958). Há os trazidos pela família real em 1808 e até os censurados pela ditadura militar e pela igreja. As mesmas que censuravam publicações eróticas enquanto torturavam com estupros e choques nas partes íntimas e gozavam nos templos a pedofilia inconfessa ameaçando crianças de castigo ‘divino’.

Alcides Aguiar Caminha (Rio de Janeiro, 1921-1992) - servidor público do departamento de imigração do Ministério do Trabalho - era o nome de batismo de Carlos Zéfiro. De “vida dupla”, casado e com cinco filhos, só revelou sua identidade um ano antes de morrer. Temia ser punido com demissão por escândalo e só saiu do anonimato ao saber que outro quadrinista havia tomado para si a autoria dos *Catecismos*. Zéfiro escreveu e desenhou (autodidata) cerca de 500 histórias eróticas em quadrinhos inspiradas em fotonovelas mexicanas (de onde também criou o pseudônimo), com detalhes explícitos de relações sexuais. Os *Catecismos*, impressos em gráficas de diversos estados (para evitar identificação), vendidos discretamente em bancas de jornal, chegaram a tiragens de 3 mil exemplares. Manuscritos em papel vegetal, tamanho de ¼ de papel ofício, preto e branco, um quadro por página, num total de 24-32 páginas, cabiam num bolso de camisa ou calça. Os *catecismos* eram manuais de preparação sexual que tratavam de desejo, com afeto e respeito. Embora esses quadrinhos fossem proibidos às mulheres pela sociedade hipócrita, nas histórias de Zéfiro as mulheres expressavam desejo e prazer e, muitas vezes, eram elas a buscar os homens. Antes da revolução sexual dos 1960, e também depois... .. Às meninas de então incentivava-se a leitura de fotonovelas. Previsíveis, após um jardim florido de início, as meninas ‘miravam’ sua alma gêmea e, ensinadas pelas mais velhas da família, enfeitavam-se para a conquista. Após alguns quadros que envolviam concorrência entre meninas e estratégias para prender o alvo, o final invariável: “...e foram felizes para sempre...” Diria que as fotonovelas eram bem machistas e alheias aos sentimentos dos personagens... As fotonovelas ‘vendiam’ as normas sociais com um ou outro beijo e amasso mais ousado... claro, censurados no quadro seguinte com um “*menina que se entrega não casa*”... As regras sociais para meninos e meninas podem até ter mudado... .. Tenho dúvidas sobre modificações de objetivos, objetos e táticas... Essas ‘normas’ divergentes teriam inspirado o também compositor Alcides Caminha do samba de 1957 “[A Flor e o Espinho](#)”³ (com Guilherme de Brito e Nelson Cavaquinho)? *Eu só erreí quando juntei minha'alma à sua/O sol não pode viver perto da lua/Tire o seu sorriso do caminho/Que eu quero passar com a minha dor/Hoje pra você eu sou espinho/Espinho não machuca a flor [...]* Atribuídas a Alcides há ainda as canções: [A Notícia](#)⁴ (com Nelson Cavaquinho e Nourival Bahia) e [Aeromoça](#) (com Celso G. da Silva). Romantismo não lhe faltava ao que transparece nos versos.... Anônimo, Zéfiro era famoso entre os editores “menos requintados” nos 1950-1970. De 1980 para cá, seus quadrinhos passaram a ser considerados ‘cult’ sendo premiado pelo conjunto da obra HQ. Seus quadrinhos eram de leitura fácil, imagens e palavras falavam... molhadas sugestivas, desavergonhadas. Zéfiro foi admirado por cartunistas, editores do Pasquim, e tomado como personagens de seus textos e ilustrações. [Aldir Blanc](#) immortalizou no Pasquim (1977) um diálogo erótico metafórico com o personagem Zéfiro ([Bruno Brasil, 2021](#)).

Recordem e divirtam-se... Rir e fazer saliências com quem as deseja é um antídoto contra guerras e crimes...

Deleitem-se...



Nas capas de Carlos Zéfiro, um pouco da adolescência de muitos

Jornal Última Hora (02/02/1984) <http://memoria.bn.br/docreader/386030/124411>



Catecismos na íntegra: [Frutos Proibidos \(carloszefiro.com\)](http://carloszefiro.com); [Minha Vida no Convento \(carloszefiro.com\)](http://carloszefiro.com); [A Lavadeira](http://carloszefiro.com); [A Filha da Lavadeira \(carloszefiro.com\)](http://carloszefiro.com); [Minha Prima Irene \(carloszefiro.com\)](http://carloszefiro.com); [A intrusa](http://carloszefiro.com)

Notas: 1. *Beijoqueiro*: apelido de personagem folclórico que nas décadas de 1980-2000 beijava personalidades; 2. *Vampeta* (junção de vampiro com capeta): apelido que companheiros do time que o revelou deram ao jogador baiano por não ter os dentes da frente e pelo seu jeito arto no alojamento. *Vampetaço* é uma 'deferência' às dimensões anatómicas de seu nu fotográfico; 3. Intérprete: Beth Carvalho; 4. Intérprete: Roberto Silva.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.